

BAHIA, QUE BLOCO É ESSE? – IDENTIDADES BAIANAS E COMEMORAÇÕES CONTEMPORÂNEAS.

Daniela Abreu Matos¹

Bahia, a curiosidade que este nome desperta, e a ação que ele põe em movimento é algo bastante curioso, todos têm algo a dizer e uma posição a tomar. Nas conversas em mesas de bar, salas de aulas ou congressos acadêmicos, encontramos diferentes maneiras de adesão a esse tema, há quem afirme, “com orgulho”, exercer toda a sua “baianidade nagô”, ou quem faça questão de não pertencer a essa tribo (sou baiano mas...), existem aqueles que realmente não nasceram no estado Bahia mas são “baianos, sim senhor, de coração!”, há também quem nunca esteve por aqui, mas deseja um dia ver “o que a baiana tem?²”.

Essa disposição constante de produzir, interpretar, reinterpretar e divulgar discursos de identidade(s) sobre a Bahia é o que nos chama atenção e impulsiona uma tentativa, ainda que arriscada, de lançar o nosso olhar para essa intensa produção. Sim, porque pensar a Bahia é senti-la, perceber a sua beleza e sua pobreza, sua ladeiras e suas avenidas de vale, seu povo andando na rua, falando de si mesmo, reclamando do sotaque exagerado da novela das oito, se encantando com os fogos de artifício no Farol ou no Forte de São Marcelo, na mesma hora criticando a falta de arquibancada “para o povo” ver o espetáculo e tendo a certeza de que os tambores do Olodum deram sorte à seleção brasileira de futebol.

Somos capazes de identificar textos de origens diversas que compõe o mosaico da baianidade, e não importa se foram criados por baianos, o que vale e está presente é a Bahia enquanto inspiração, enquanto os cheiros, as cores e os movimentos que provoca. O poeta mineiro Carlos

¹ Mestranda em Comunicação e Cultura Contemporânea na Faculdade de Comunicação – UFBA.

² O que é que a baiana tem ? Música de Dorival Caymmi cantada por Carmem Miranda no filme Banana da Terra em 1939.

Drummond de Andrade em um de seus belos momentos comenta, com tranquilidade, que o fato de nunca ter ido à Bahia não o impede de tê-la como inspiração, como poema natural.³

Em outro tempo, entre 1852 e 1853, o livro *Memórias de um Sargento de Milícias* misturando religiosidade e encantamento fala das baianas, negras graciosas vestidas de branco que vinham para misturar pecado com o momento sagrado de uma procissão dos Ourives no Rio de Janeiro em meados do século XIX.

*“Todos conhecem o modo por que se vestem as negras da Bahia; é um dos modos de trajar mais bonitos que temos visto; não aconselhamos, porém, que ninguém o adote; um país em que todas as mulheres usassem desse traje, especialmente se fosse desses abençoados em que elas são alvas e formosas, seria uma terra de perdição e de pecados.”*⁴

E se todas as mulheres do Brasil se vestissem à moda da Província da Bahia e com suas rendas e balangandãs (como Carmem Miranda) andassem frajolas Na Baixa dos Sapateiros (como ouviu dizer Ary Barroso já que compôs algumas de suas músicas antes de ter ido à Bahia)?

A reiteração de uma imagem da baianidade passa pela composição da *Terra da Alegria e/ou da Magia*, território onde as pessoas vivem de festas, e devido a sua miscigenação étnica, convivem em uma relação racial tranqüila. A cristalização desses conceitos em torno da identidade baiana, seja construída para integrar internamente seus indivíduos, seja para consolidar uma imagem turística que é garantia de mercado, passa por cima de elementos fundamentais da constituição do território baiano, como a tensão social e racial que caracteriza essa sociedade.

No espetáculo de comemoração do aniversário de 450 anos da cidade de Salvador ouvimos na voz do narrador que representava a voz da cidade:

*“Importei arte e a opulência, me tornei uma cidade bonita com uma gente mestiça, amiga e hospitaleira, gente de costumes e tradições que formam o povo brasileiro e uma cultura original. Quando fé e esperança se misturam com a alegria acontecem as festas na terra e no mar.”*⁵

³ DRUMMOND, Carlos. O Poema da Bahia que não foi escrito. IN: *Amar se Aprende Amando*. Rio de Janeiro: Record, 1997. 8ª ed.

⁴ ALMEIDA, Manuel Antônio de: *Memórias de um Sargento de Milícias*. São Paulo: Martin Claret. 2002. Este livro foi publicado em capítulos no Suplemento A Pacotilha do jornal Correio mercantil, entre junho de 1852 e 1853.

⁵ Trecho retirado do CD gravado pela EMTURSA a partir da narração do Espetáculo Comemorativo Celebração do Encontro de Raças.

Percebemos que algumas características são atribuídas instantaneamente ao “povo baiano”, de forma geral, o brasileiro espera dele a preguiça, a sensualidade, o gosto pela *música baiana* e a habilidade na dança, principalmente nas famosas coreografias. A não presença de qualquer uma dessas características a um exemplar da identidade baiana causa estranhamento e por vezes até descrença do seu pertencimento a essa comunidade.

Esse discurso que provoca uma identificação fácil e instantânea de pertencimento ou não a determinado conjunto cultural constitui um aspecto do que chamamos de estereótipo, um grupo de características consideradas tão óbvias que não precisam ser provadas. O que é dito passa a ser.

Podemos, ainda, pensar o estereótipo como uma necessidade discursiva e que reconhece-lo “(...) como um modo ambivalente de conhecimento e poder, exige uma reação teórica e política que desafia os modos deterministas ou funcionalista de conceber a relação entre o discurso e a política”⁶ o que acaba exigindo uma reação ao discurso identitário quando é colocado em cena de forma aproblemática. Segundo Homi Bhabha, o estereótipo é um modo de representação complexo e até mesmo contraditório que possibilita uma mudança do objeto de análise, através dele nos deslocamos do reconhecimento das imagens como positivas ou negativas para uma compreensão dos processos de subjetivação encenados contemporaneamente.

A visão, proposta por Homi Bhabha (1998), do *estereótipo-como-sutura*, enquanto estratégia de discurso e ação, nos permite reconhecer a ambivalência da autoridade conferida aos textos apresentados, e no caso da baianidade o movimento entre desejo e recusa e a disposição de identificar-se ou não com as características que explicitam um vai e vem contínuo da idéia de ‘ser bai-

⁶BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998 p. 59

ano', que colocado em cena pelos saberes oficiais, como tem sido feito pelo poder público na Bahia, desvelam a indissociabilidade da relação entre discurso e estratégia política.

Nessa articulação, notamos que com a produção oficial que *Só se vê na Bahia*⁷ pretende-se garantir um (con)texto cultural sem tantas arestas⁸, que provoque identificações internas e constitua uma imagem tranqüila que se mova e seduza mercados externos.

Com essas observações, percebemos que a relação dos sujeitos com os estereótipos é, ao mesmo tempo, uma necessidade discursiva para a constituição das identidades, uma forma de reagirmos á elas (seja aderindo ou não) e essencialmente uma estratégia de poder que articula magistralmente o saber e a produção do sentido de grupo.

Consideramos, então, produtivo o desafio de usar o discurso do estereótipo como ação, para sair de uma relação binária e estática entre as representações, e tornar-se um ir e vir de identificações que seja capaz de produzir através da negociação das diferenças. “O que é teoricamente inovador e politicamente crucial é a necessidade de passar além das narrativas de subjetividades originárias e iniciais e focalizar aqueles momentos ou processos que são produzidos na articulação das diferenças”⁹

Contemporaneamente, a percepção das diferenças culturais e da negociação entre elas problematiza qualquer intenção de colocarmos em termos binários as experiências culturais que configuram esse ambiente, e ainda mais o entendimento e a percepção das identidades culturais. Essas são formadas e transformadas em um momento caracterizado pela insuficiência das grandes narrativas de identidade, pela crise de velhas certezas e dos discursos identitários de cunho essencialista.

⁷ Slogan publicitário utilizado pelo discurso oficial para reafirmar as características peculiares e exclusivas do território baiano.

⁸ Para uma melhor compreensão do uso dos conceitos de contornos e arestas na compreensão do texto da baianidade ver: MOURA, Milton. *Carnaval e Baianidade*. Tese de Doutorado. FCOM/UFBA. Salvador, 2001.

⁹ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998 p. 20

Nesse sentido, procuramos identificar a baianidade naquilo que ele tem de ser em movimento, de “sendo”, nos afastando da estaticidade redutora do “é”, sem desconsiderar vetores de identificação que demandam alguma essencialidade e conferem marcas próprias a este território.

Nesse artigo, propomos uma aproximação e interpretação das características atribuídas à uma possível identidade baiana, através da análise do evento comemorativo de aniversário de 450 anos da cidade de Salvador, realizado em 1999. Com isso, estamos colocando mais uma variável para a nossa análise, que é a encenação de um passado histórico/tradicional para identificar o presente, através da (re)produção de um evento histórico de forma espetacular.

Um novo-velho *Encontro*.

A campanha comemorativa foi composta de uma série de eventos durante todo o ano de 1999, mas a *Celebração do Encontro de Raças* foi considerada pelos organizadores- a Prefeitura Municipal sob a coordenação executiva da EMTURSA- Empresa Turismo Oficial de Salvador- como o ponto alto de todo o investimento comemorativo. Esta encenação demandou uma estrutura de produção de grandes espetáculos e foi o evento escolhido para a presença oficial das figuras públicas, com o Prefeito, o Governador, os Senadores, e figuras do meio artístico e intelectual baiano.

O palco deste *Encontro* foi a praia do Porto da Barra e a referência o momento da chegada da esquadra portuguesa comandada por Tomé de Souza à Capitania da Baía, em 1499, e seu primeiro contato com a população nativa, com o objetivo de fundar a cidade de Salvador para ser a primeira capital do Brasil.

Para transformar a praia do Porto em um teatro ao ar livre foi criado um cenário flutuante de grandes dimensões, caricaturas de personagens aludidos durante o evento, uma igreja colonial, um berimbau e réplicas de casa do Pelourinho foram confeccionadas em isopor, madeira e tinta

plástica. Este cenário tinha cerca de 14 metros de altura e 2,5 toneladas de peso e foi instalado em uma plataforma de aço fixada no mar com quatro âncoras laterais. Além disso, uma réplica da nau Conceição, construída em aço e madeira, navegou nas águas do Porto da Barra.

A produção dos figurinos e dos ornamentos caracterizou as cenas históricas. A guarda oficial estava caracterizada com trajes militares do século XVI, os índios com fantasias criadas pelos colonizadores e os portugueses em roupas típicas do século XVI.

A narração do “Encontro de Raças” apresentou características próprias de quem quer contar uma história, o narrador deu início ao espetáculo quase como nas fábulas, “Era uma vez...” dando um destaque de “pacífico”, “amistoso” ao encontro entre as raças.

Outro ponto constantemente citado foi a inserção do negro nas lavouras açucareiras e com isso a formação miscigenada do povo brasileiro, e o aparecimento de “uma nova gente”, esta sendo caracterizada veementemente como alegre, hospitaleira e pacífica pelo discurso oficial do evento.

Para o som, foram colocados cerca de 140 auto-falantes nas imediações da praia do Porto da Barra; através destes o público ouviu a narração do espetáculo, acompanhada por músicas de estilo europeu do século XVI.

Antes, porém uma intervenção de mais de 200 tambores e atabaques de blocos afro-baianos.

A iluminação foi um aspecto bastante explorado no Evento, as luzes do Porto da Barra e da vizinhança foram apagadas para valorizar o colorido, bastante utilizado no espetáculo. Na primeira cena, por exemplo, o cenário estava escuro quando a Nau Conceição apareceu, tendo sua silhueta iluminada por cerca de cinco mil pontos de luz. A estratégia de destacar a área do cenário na qual estava ocorrendo a cena foi utilizada ao longo de todo o evento, devido às grandes dimensões do cenário.

A utilização de fogos artificiais apresentou-se como um aspecto bastante significativo. Os efeitos pirotécnicos estiveram presentes durante todo o “Encontro de Raças”. Destacamos o Encerramento pela suntuosidade do show pirotécnico apresentado, característica, aliás, frequente nos eventos oficiais desde então, como “Reveillon no Farol”¹⁰, “Brasil 500 Anos”¹¹ e mais recentemente Comemoração dos 500 anos da Bahia de Todos os Santos”¹².

A partir dos aspectos de produção deste espetáculo, percebemos sua grandiosidade, e portanto, sua importância estratégica dentro da Campanha Comemorativa. De acordo com o Projeto da EMTURSA¹³ que deu origem a este evento, percebemos a intenção do poder público, com este evento, em “evocar e contar, de forma alegórica e simples, a Fundação de Salvador há 450 anos e o começo de uma forma de ser, uma cultura e um país”.

O texto encenado pelo discurso comemorativo apresenta uma narrativa essencialmente contemporânea, caracterizada por uma negociação constante de diversas temporalidades. O que vemos no Porto da Barra em 28 de março de 1999 é uma “celebração do encontro” de variados mundos, de um mundo colonial com uma metrópole, de um mundo pré-moderno com um mundo contemporâneo, de um mundo nativo com um mundo invasor, de um mundo global com um mundo local.

E essencialmente o identificamos como uma proposta de funcionar como uma negociação tranqüila entre diferentes vetores de identificação, constituindo um discurso de múltiplas referências, já que retrata o encontro entre o português-branco, o índio e o negro como um momento pacífico, apresentando uma igualdade nas relações de poder retratadas, apesar de afirmar que

¹⁰ Nos últimos anos a Comemoração Oficial do Reveillon em Salvador tem sido marcada por grandes Shows e espetáculos pirotécnicos no Farol da Barra.

¹¹ Comemoração Oficial pelos 500 Anos de Descobrimento do Brasil.

¹² Comemoração Oficial mais recente, também organizada pela EMTURSA, para marcar os 500 anos de criação do nome da Baía de Todos os Santos pelos Portugueses.

¹³ Trecho retirado do Projeto “A Comemoração dos 450 Anos de Salvador - Um Espetáculo Diferente sobre a Memória Histórica”, da EMTURSA, 1999.

“...se na Bahia havia gente de coragem, faltava a lei a ordem e a justiça.”¹⁴. Desse modo, uma forma de garantir a presença do “Outro”, delimitando seu espaço. “O Outro é citado, mencionado, emoldurado, iluminado, encaixado na estratégia de imagem/contra-imagem de um esclarecimento serial. (...) O Outro perde seu poder de significar, de negar, de iniciar se desejo histórico, de estabelecer seu próprio discurso institucional e oposicional ”¹⁵.

Ainda assim, acreditamos que o ambiente contemporâneo se caracteriza por uma revalorização das suas singularidades históricas, isto é, locais, o que em relação ao território significa a percepção de sua força frente a um espaço global e desterritorializado que também configura o nosso tempo.

Percebemos que a garantia desse território local forte, mais do que o ideal, é condição fundamental e indispensável para que se instaure uma relação produtiva das forças presentes no nosso ambiente, porque somente dessa forma o resultado da relação global e local pode aparecer como um produto novo, forte e que reflita as características do ambiente do qual faz parte e quer representar.

Nessa direção é que percebemos a importância da estratégia política que envolve a Comemoração dos 450 Anos e da opção de resgate e valorização das raízes históricas da formação da cidade e do povo baiano, em um contexto de afirmação das tendências globais, que compõe uma certa imagem de Salvador.

Podemos dizer que com este evento a cidade quer conquistar um espaço no mundo global e um espaço importante, de destaque, que é ser Capital, e quer conquistar isto a partir das peculiaridades que formam o seu território e seu povo. A campanha é bastante clara na intenção de fortalecer uma identidade local para garantir uma participação forte no mundo global-

¹⁴ Trecho retirado do CD gravado pela EMTURSA a partir da narração do Espetáculo Comemorativo Celebração do Encontro de Raças.

¹⁵ BHABHA, Homi. *O Local da Cultura*. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1998. p. 59.

lizado. O que percebemos claramente com o slogan oficial da campanha dos 450 Anos: *Salvador, Capital de Um Novo Mundo*.

O slogan da campanha tem, ainda, uma relação ambígua que acaba trazendo para os dias atuais um aspecto de grande importância na consolidação do poder e da influência da cidade de Salvador na constituição do Brasil, que foi o seu papel de 1^a Capital do país e durante muito tempo sua posição de destaque em relação a toda América do Sul, tornando-se conhecida, em certo momento da sua história, por Rainha do Atlântico Sul. Hoje Salvador quer recuperar esse posto de destaque e se tornar a capital, porém não apenas do Novo Mundo (América) e sim de um mundo novo, universal, global.

Ao mesmo tempo em que consideramos o local como o espaço de resistência, pela sua capacidade de agrupar e articular forças sociais, reconhecemos também que é na territorialidade local as estratégias de dominação são nítidas. Isto porque as peculiaridades de cada lugar se afirmam como sua moeda no sistema urbano capitalista e estas podem ser usadas para a construção de uma imagem direcionada a um interesse específico, que pode ser o enquadramento do território em identificações forçadas e deslocadas da sua própria experiência.

No nosso caso, a caracterização do território- Salvador- no discurso dos seus 450 anos e sua relação com as forças sociais locais tem reafirmado o importante papel da moeda baiana no mercado de ações culturais.

Com isso percebemos que essa estável moeda baiana vem sendo usada para atrair o capital que lhe interessa. Queremos propor uma relação tensa entre a força e "magia" que este território exerce, a partir de suas particularidades, e a mercantilização desses mesmos aspectos. A questão aqui é a apropriação das características do território como simples moeda no mercado simbó-

lico, ou ficha simbólica¹⁶ criando uma imagem da baianidade "tipo exportação", que atenda exclusivamente aos interesses do mercado cultural interno ou turístico, sem levar em consideração os valores que são representativos para aqueles que constituem esse território e as relações de poder econômico e político que estão intrinsecamente enraizadas nos processos de identificação.

E ainda que a reiteração de códigos selecionados pelo discurso político oficial reproduza essas estruturas de poder existentes, cristalizando ainda mais a identificação da baianidade com o discurso mais simplista do estereótipo, nos termos que comentamos anteriormente, e isso acontecendo em um momento que as singularidades podem representar um mecanismo de defesa frente à homogeneização e mercantilização dos aspectos culturais na pós-modernidade e a idéia do "estereótipo como sutura" nos oferece possibilidade de perceber a ambivalência das narrativas identitárias.

Está claro que a valorização dos aspectos históricos e o papel específico de Salvador em relação à formação do Brasil constituem a nuclearidade do texto representado no *Encontro de Raças*, sendo utilizado como a moeda forte desse território, ou melhor, como o valor peculiar que confere à imagem da cidade algum destaque na prateleira do mercado cultural.

O *Encontro* aposta em um discurso identitário que passa por cima de muitas diferenças, criando uma imagem, de certa forma, homogênea para que possa ser interpretada sem maiores dificuldades por nossos visitantes e que atue na consolidação da identidade local ancorada nos clássicos termos de relação harmoniosa entre as raças, de uma passividade, alegria e hospitalidade característica deste povo. Esses termos fazem parte daquilo que identificamos, anteriormente, como o imaginário da Bahia e foram usados com frequência durante a narração do "Encontro", e representados pela união de Paraguassu (índia) com Caramuru (português) e pela alegria dos índios ao receberem seus 'colonizadores'.

¹⁶ Conceito trabalhado em GIDDENS, Anthony. *As Consequências da Modernidade*. SP: Ed. UNESP, 1991

Os índios correm para avisar Diogo Caramuru da chegada das naus.(...) Em demonstração de paz, todos em terra estão desarmados para acolher a armada real. (...) Acontece o encontro, portugueses, índios e mamelucos brasileiros se cumprimentam como velhos amigos. (...) Índios dançam num ritual de boas-vindas saudando os “amigos” que vieram para ficar¹⁷.

Com isso, podemos pensar que essa tensão entre a valorização do local e a utilização deste para objetivos políticos específicos está sempre presente, e se torna problemática, na medida que a seleção das versões e dos fatos a serem resgatados são orientados, simplesmente, por uma questão de mercado, no qual as forças sociais locais não têm poder para exercer a sua presença e funcionam apenas como observadores do espetáculo.

Apesar de destacar a estrutura de poder que a encenação desse texto oficial conserva e de certa maneira legítima, queremos reafirmar a característica intrínseca ao ambiente contemporâneo que é a pluralização de vozes e recuperar aqui a possibilidade de articulação e negociação entre essas diferentes vozes, como elas podem fazer sentido e exercem um importante papel na produção de outros e diferentes discursos a partir daquela encenação oficial.

Vale a pena apontarmos para o caráter ativo dos processos de subjetivação que são desencadeados por esse texto, a interpelação resulta em reação, resulta na conquista de um espaço produtivo por parte dos discursos das margens. “Dentro da cultura, as margens, embora periféricas, nunca foram um espaço tão produtivo como o são hoje, o que não se dá simplesmente pela abertura dentro do dominante dos espaços que os de fora podem ocupar. É também o resultado de políticas culturais da diferença, de lutas em torno da diferença, da produção de novas identidades e do aparecimento de novos sujeitos na cena política e cultural”.(HALL, 1996)

Com isso, queremos afirmar a possibilidade de vozes dissidentes apesar da homogeneidade pretendida pelo discurso oficial, já que essa postura ativa é inerente os sujeitos no seu dia a dia, no seu jeito de viver a cidade e fazer com que ela tenha sentido e provoque identificação. Reafirmando a natureza essencialmente narrativa e ficcional de vetores fundamentais da identifi-

¹⁷ Trecho retirado do CD gravado pela EMTURSA a partir da narração do Espetáculo Comemorativo Celebração do Encontro de Raças.

cação, como a nação contemporânea, somos aquilo que dizemos e nós mesmos; e ao mesmo tempo valorizando o ponto de partida dessa narração que “é” algum ingrediente essencial (não essencialista) ao nosso texto. Enfim, o desafio perceber a Bahia que *é sendo* em cada um de nós, e a nossa possibilidade de ir vir com esses discursos.